

Do sonho à escrita¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

O poeta Mário Quintana afirmou, com graça, que “sonhar é acordar-se para dentro”. Imagine o inconsciente como uma cave sombria, onde arrecadamos demónios e deuses; desejos inconfessáveis e memórias; medos sinistros e aspirações. Quando sonhamos ou temos pesadelos, entreabrimos a porta para esse mundo simultaneamente mágico e tenebroso — e espreitamo-lo. Já reparou na quantidade de sonhos fascinantes que temos ao longo da vida? Alguns parecem despropositados, fragmentos sem pés nem cabeça, que esquecemos de imediato. Contudo, outros levam-nos a refletir, tal é a sua beleza estranha, e a partilhá-los com os amigos ou a registá-los por escrito.

Há muito que o potencial literário dos sonhos é conhecido e aproveitado pela gente das letras. Numa tarde do Outono de 1797, o poeta Samuel Taylor Coleridge lutava para combater uma calamitosa disenteria. Por indicação do médico, tomou alguns grãos de ópio e aguardava pacientemente que estes fizessem efeito, enquanto lia um livro sobre o império de Kubla Khan. Não tardou a cabecear e a cair num sono profundo, ao longo de três horas. Como por magia, o escritor penetrou no reino do inconsciente e compôs duzentas linhas de uma obra-prima da literatura, o poema *Kubla Khan, ou Uma Visão num Sonho*. Ao despertar, copiou febrilmente alguns desses versos — mas foi interrompido por uma visita maçadora, um angariador de seguros, e o poema ficou incompleto para sempre.

Também o escritor aprendiz, usando algumas técnicas simples e eficazes, pode tirar partido do potencial dos sonhos. A primeira regra é tomar logo nota destes, pois está provado que, se não o fizer, os pormenores esfumam-se em apenas meia hora. Gabriel García Márquez utilizava os caderninhos pautados dos filhos para esse efeito, reunindo posteriormente algumas dessas viagens oníricas no célebre livro *Doze Contos Peregrinos*.

Em seguida, procure detetar os principais símbolos que surgem no seu sonho. Segundo o psiquiatra Sigmund Freud, pioneiro neste tipo de análise, saber interpretá-los é fundamental para compreender o significado do sonho. Dependendo do contexto, um armário representa um abrigo ou a mãe protetora; uma árvore aponta para a vida e para a virilidade paternal; uma floresta denota o desconhecido, belo ou perigoso; voar significa que deseja fugir de si, ou talvez mudar de vida.

¹ Mancelos, João de. “Do sonho à escrita”. *Os meus livros* 94 (jan. 2011): 38.

Por fim, transforme o sonho num conto! Para tal, pondere estes aspetos: se este fosse um filme, que título motivador lhe dava? Que momentos omitia, por serem monótonos ou não fazerem sentido? E que passos cativantes podia exagerar? Se o sonho foi a preto e branco, dê-lhe cor; se foi inodoro, adicione cheiros e aromas; se foi mudo, como os velhos filmes, imagine uma banda sonora para ele. E que tal um fim surpreendente?

Aventure-se e não hesite em explorar o tesouro do inconsciente, pois até de olhos fechados é possível escrever. Afinal, como testemunhou William Shakespeare, “Somos feitos do mesmo tecido dos sonhos”.